



## QUANDO A VIDA TRANSCENDE A MORTE: CONSTRUÇÕES DE IMAGENS E REFERENCIAIS DE GÊNERO EM BREVES REFLEXÕES SOBRE A OBRA ANTÍGONA DE SÓFOCLES.

Natália Eilert Barella<sup>1</sup>

Eliana Rela<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo tecer uma relação entre a obra grega de Sófocles (497 - 406 a.C.) intitulada Antígona e perspectivas de imaginário, hermenêutica, relações sociais e de gênero. Se utiliza do texto original e de interpretações modernas, bem como, de olhares de teóricas e teóricos sobre a obra e sobre as temáticas propostas para análise.

**Palavras-chave:** Antígona, tragédia grega, imaginário, gênero, vida e morte.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo tejer una relación entre la obra griega de Sófocles (497 - 406 a.C.) titulada Antígona y perspectivas del imaginario, la hermenéutica, las relaciones sociales y de género. Utiliza el texto original e interpretaciones modernas, así como miradas de teóricas y teóricos sobre la obra y sobre los temas propuestos para el análisis.

**Palabras clave:** Antígona, tragedia griega, imaginario, género, vida y muerte.

### INTRODUÇÃO

Descobrir Antígona foi um reencontro milenar que movimentou conceitos e provocou reflexões importantes. Pode-se afirmar que é uma obra que ultrapassou gerações e que mantém viva sua essência, conversando com diferentes tempos e sociedades.

Antígona já de cara causa um impacto pela sua postura consciente de ir contra a

---

<sup>1</sup> Doutoranda da PPGEdU da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Bolsista PROSUC/ CAPES.

<sup>2</sup> Doutora Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e docente do PPGEdU da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

# Revista Gepesvida

ordem vigente e assumir a sua convicção mesmo que isso lhe causasse a sua morte. Pessoalmente sou uma pessoa que admira muito a coragem, e a primeira característica que salta dessa personagem refere-se a essa característica. Entretanto, são as outras camadas da história, que se desvelaram posteriormente frente aos debates em aula e a curiosidade que despertou para a pesquisa, que buscarei aprofundar nesse texto.

Os primeiros apontamentos trabalhados nas aulas do doutorado, sobre a função da tragédia na Grécia antiga e esse encontro com o outro (e conosco mesmos) através da arte simulada, montaram um cenário para entender algumas das primeiras impressões que a obra evidenciaria. O conceito de *páthei máthos* e desse aprendizado que acontece na elaboração da dor e do sofrimento, ao fazer sentido, promove um retorno a situações pessoais e a uma nova elaboração das mesmas. Com certeza o sofrimento de Antígona associado ao estado de ação que ela encontrou faz com que reflitamos sobre posicionamentos e principalmente sobre a expressão deles no mundo.

Também suscitam sensações as outras personagens principais: Ismênia e sua vulnerabilidade, Creonte e seu autoritarismo, Hêmon e sua covardia perante o pai, o Coro e sua reflexão coletiva. Uma frase em específico, desde a primeira leitura ficou ressoando na minha cabeça, quando Ismênia diz a Antígona:

(...) temos que lembrar, primeiro, que nascemos mulheres, não podemos competir com os homens; segundo, que somos todos dominados pelos que detêm a força e temos que obedecer a eles, não apenas nisso, mas em coisas bem mais humilhantes. (SÓFOCLES, 1996, n.p).

Para mim não poderia faltar à percepção de que Antígona não era apenas alguém que escolhia um posicionamento que ia contra uma ordem instituída, embora também o fosse, mas era primeiramente uma mulher que se rebelava contra a ordem de um homem. A partir disso comecei minha investigação na internet, em busca de livros e artigos que analisassem Antígona a partir desse viés.

## MERGULHOS

Meu primeiro achado foi algo muito precioso. Uma palestra disponível de forma online<sup>3</sup> com o título: “Antígona – o feminino como crime político”, realizada pela

---

<sup>3</sup> <https://www.academia.org.br/videos/ciclo-de-conferencias/antigona-o-feminino-como-crime-politico>

# Revista Gepesvida

acadêmica da Academia Brasileira de Letras, Rosiska Darcy de Oliveira no encerramento do ciclo “Obras-primas da literatura universal”. Nessa palestra, a escritora explana sobre o impacto que a obra teve em sua infância, tendo sido Antígona a primeira princesa que ela conheceu que ao invés de casar e servir ao que se esperava das mulheres (o “felizes para sempre” confinadas ao ambiente privado) ousou subverter a ordem e enfrentar o poder masculino. Uma princesa que nas palavras da escritora “sacudiu imaginários”.

Durante a explanação da escritora (encantadora e contundente, quase em forma de poesia), Antígona foi aparecendo em novos papéis, personificando simbolismos.

Em sua fala, Rosiska cita a atemporalidade de Antígona (uma obra de 25 séculos), e também a potência de suas releituras contemporâneas, citando a obra do dramaturgo Jean Anouilh, realizada na Paris dos anos 50, onde Antígona adota um posicionamento menos voltado aos deuses ou a qualquer atitude religiosa e se ancora na força das convicções da personagem, que ao se manter fiel a si mesma se transforma assim de princesa a rainha. “Pobre Creonte! Com minhas unhas quebradas e cheias de terra e as manchas roxas que teus guardas me fizeram nos braços, com meu medo que me dá frio na barriga, eu é que estou reinando aqui.” (ANOUILH, 2009, p.82).

Ainda na obra de Anouilh outro diálogo me chama a atenção, que é quando Antígona reforça a sua presença incondicional de mulher, ao responder as tentativas de sua irmã Ismênia de dissuadi-la de sua missão de enterrar o corpo do irmão:

Ismênia arremessa-se contra ela: Antígona! Eu lhe suplico! Faz bem aos homens acreditar em ideais e morrer por eles, Você é uma menina ainda.  
Antígona com os dentes cerrados: Uma menina, sim. Já chorei o bastante por ser uma menina. (ANOUILH, 2009, p.44).

O que demonstra a Antígona de Anouilh é uma faceta do feminino que escolhe assumir sua essência interior respondendo a um chamado interno pela subversão da ordem instituída. Já na obra de Sófocles, embora exista essa mesma subversão, percebe-se também a importância da relação com o imaterial, com outra percepção de mundo.

Uma grande referência contemporânea nos estudos de gênero, Judith Butler escreveu uma obra intitulada: *O clamor de Antígona* (2014), onde analisa a obra de Sófocles a partir de um viés que envolve gênero e relações de poder, e onde Antígona representa a luta da mulher contra o estado. A autora tece diálogos com teóricos como Lacan e Hegel e demonstra a importância da obra na luta feminista e a relevância do posicionamento da personagem para algumas análises sobre as estruturas sociais.

# Revista Gepesvida

Segundo Butler:

Não é o tabu do incesto o que interrompe o amor que os membros da família sentem um pelo outro, mas sim a ação do estado, envolvido com a guerra. A tentativa de perverter, através do feminino, a universalidade que o Estado representa é, portanto, esmagada por um movimento contrário do Estado, movimento este que não apenas interfere na felicidade da família como também convoca a família ao exercício de sua própria militarização. O Estado recebe da família seu exército e a família encontra sua dissolução no Estado. (BUTLER, 2014, p.61).

No tocante ao seu lugar de mulher, ao comparar-se, por exemplo, a sua irmã, outra personagem feminina, podemos perceber que Antígona mantém-se fiel a seus próprios valores, que podem também ser associados à representação imagética do feminino profundo. Ao defender o ritual aos mortos, Antígona está defendendo o grande mistério, as profundezas, o escuro. O que, segundo Gilbert Durand no livro *As estruturas sociais do Imaginário* (2002) corresponde ao regime noturno de imagens. Nessa categorização, criada pelo antropólogo, existiriam três regimes de imagens: O diurno, representado pelo poder paternal, pela racionalidade e por imagens de ascensão (falo); e os noturnos, que muito resumidamente fariam referência aos ciclos da natureza, ao materno e ao feminino, à descida e à profundidade.

Seguindo na perspectiva do imaginário, o feminino representado por Antígona gera uma tensão com o masculino representado por Creonte. E também aparecem outras tensões evidenciadas pela obra, como descreve o professor, pesquisador e escritor George Steiner em seu livro *Antígonas* (2008). Para ele, a obra de Sófocles demonstra os cinco grandes conflitos universais: “o confronto entre os homens e as mulheres; entre os velhos e os jovens; entre a sociedade e o indivíduo; entre os vivos e os mortos; entre os homens e (os) Deus(es)” (STEINER, 2008, p. 257).

Essa observação deflagra outras situações interessantes a serem analisadas, como o fato que além de mulher Antígona representa o novo, em contraposição ao velho representado por Creonte. Ainda no campo do feminino, ela representa o privado em contraposição ao público, a emoção em contraposição à razão, o abstrato em relação ao concreto. Ismênia e Hêmon também representam o feminino e o masculino, mas muito mais diluídos nas feminilidades e masculinidades que lhes são incorporadas pelos fatores externos, e acabam representando assim, mais fortemente, as fraquezas do gênero do que as virtudes.

Outra temática associada ao feminino que é bem representada em Antígona é a

# Revista Gepesvida

da morte, que possibilita o acesso à outra vida, a uma vida verdadeira. No livro *La tumba de Antígona y otros textos sobre el personaje trágico* (2012) a filósofa Maria Zambrano descreve a importância da transcendência da morte em uma reflexão da personagem: “[...] no me puedo morir hasta que no se me dé la razón de esta sangre y se vaya la historia, dejando vivir a la vida. Sólo viviendo se puede morir.” (ZAMBRANO, 2012, p. 186).

Ao criar sentido a sua decisão, e assim sendo, à sua morte, Antígona encontra um caminho, um propósito e um sentido para sua vida. Ela tem consciência que é o que lhe cabe fazer, ainda que tenha que pagar o preço pela sua escolha. E apesar dessa certeza, tem que enfrentar também seu medo, e as renúncias que ela evocará. Nesse ponto, Antígona se entrega à experiência, que segundo Gadamer em sua obra *Verdade e Método* (2015): “Experiência é, portanto, experiência da finitude humana. É experimentado, no autêntico sentido da palavra, aquele que tem consciência dessa limitação, aquele que sabe que não é o senhor do tempo nem do futuro.” (GADAMER, 2015, p.466-467). Antígona é assim capaz de experimentar a vida, uma vez que enfrenta o medo e a própria morte,

Para a experiência é imprescindível a presença da diferença, assim sendo, poder-se-ia afirmar que na obra, Antígona é tão importante para Creonte quanto vice-versa, e um precisa do outro para manifestar-se de forma plena. Não fosse a racionalidade e a implacabilidade de Creonte tão inflexíveis, Antígona não poderia cumprir seu papel de entregar-se de forma visceral e irreparável à sua sensibilidade diante dos mistérios e da ordem dos homens. Segundo Gadamer: “A relação entre o eu e o tu, não é imediata, mas reflexiva. Toda pretensão implica necessariamente uma pretensão oposta. Assim surge a possibilidade de que cada parte da relação salte reflexivamente sobre a outra” (GADAMER, 2015, p.469).

Dentre as muitas releituras e encenações que essa obra teve, na literatura, no teatro e no cinema, uma que me chamou a atenção na construção desse texto foi a intitulada “Antígona na Amazônia contra a monstruosidade do homem”.<sup>4</sup>, que estreou este ano, realizada pelo MST<sup>5</sup> com o grupo de teatro NTGent. Essa encenação enfoca no extermínio da natureza e as nocivas formas de depredação humana (realizadas pelo homem), e traz a presença de trabalhadores no papel do coro, dando visibilidade a esse

---

<sup>4</sup> <https://mst.org.br/2023/04/23/antigona-na-amazonia-contra-a-monstruosidade-do-homem/>

<sup>5</sup> Movimento dos trabalhadores sem terra.

# Revista Gepesvida

importante elemento da tragédia, uma vez que representa a arte não figurada, o corpo social. Segundo o diretor Milo Rau:

Pela primeira vez uma questão se tornou clara para mim, o nascimento do teatro antigo, com um personagem coletivo, com uma voz coletiva, que é o coro. Nós esquecemos na Europa a consciência do coro. Eu nunca tinha compreendido o coro no teatro Europeu. Nós estudamos como falar no ritmo, mas nós nos perguntávamos por quê? Eu só via indivíduos nesses coros. Aqui foi a primeira vez que eu compreendi que era lógico que o coro, o personagem coletivo seja o protagonista porque há um movimento coletivo, que se reúne, que se organiza em uma ideia, uma utopia política e econômica que se encontra na ideia do coro. (MILO, 2023.)<sup>6</sup>

Esse resgate da importância do coro, e o simbolismo de realizá-lo com pessoas comuns e não atores possibilita a realização de novos olhares e a conscientização do elemento coletivo em toda história individual. É através do coro que as grandes elaborações vão sendo realizadas ao longo da narrativa. É inclusive com o coro que a peça termina:

CORO - A vida é curta e um erro traz um erro. Desafiado o destino, depois tudo é destino. Só há felicidade com sabedoria, mas a sabedoria se aprende é no infortúnio. Ao fim da vida os orgulhosos tremem e aprendem também a humildade. Já tarde Creonte se oferece em holocausto. Tebas morre com ele. O inimigo avança. (SÓFOCLES, 1996, n.p).

Tanto analisando as relações da obra em relação à construção imagética do feminino, quanto analisando ela em relação a conflitos sociais e coletivos, Antígona é uma obra que aborda temas relevantes para a sociedade, sendo capaz de construir outros tantos referenciais de gênero, de ética, de decisões e de relações de poder. O que explica sua atemporalidade e releituras de tempos em tempos. Para mim foi um grande presente, pois conversa muito com minha curiosidade sobre o imaginário e as representações de gênero e sociais nele. Relacioná-la com o “bem viver” como fruição da vida, que acontece não apenas em situações que sejam como esperamos, lembra a presença da consciência do que escolhemos (e do que não podemos escolher).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que me seja impossível compreender, com toda a profundidade que a obra

---

<sup>6</sup> <https://mst.org.br/2023/04/23/antigona-na-amazonia-contra-a-mosntruosidade-do-homem/>

# Revista Gepesvida

suscita, como bem descreve Steiner: “‘Compreender’ um texto em grego clássico, ‘compreender’ em qualquer língua um texto tão denso, formal e conceitualmente falando, como a Antígona de Sófocles – é oscilar entre os polos do imediato e do inacessível” (STEINER, 2008, p. 225), arrisco afirmar que percebo nela a possibilidade de acessar a experiência hermenêutica.

Esse conceito de Gadamer é relacionado à tradição, e nas palavras dele “a tradição não é simplesmente um acontecer que aprendemos a conhecer e dominar pela experiência, mas é linguagem, isto é, fala por si mesma, como um tu.” (GADAMER, 2015, p.467). Dessa forma, e com base em parte do impacto e construção que a obra teve em algumas recepções ao longo desses 2500 anos, faz-se possível afirmar que seu corpo de símbolos segue criando novos significados e auxiliando no aprofundamento do conhecimento humano, bem como, nos referenciais de construção do feminino no mundo.

Através da presença revolucionária e ao mesmo tempo aquiescente de Antígona, aprendemos que para “viver bem” precisamos compreender as motivações de nossas decisões, bem como, do que não nos cabe decidir. Ao mesmo tempo em que, nos lembra da presença do mundo externo, e das outras pessoas, que possuem por si mesmos outros significados. Antígona nos leva a compreensão de que viver de verdade é caminhar em direção à morte, convivendo no caminho com medos, objetivos, conflitos e (in)certezas, e ainda assim tornando possível manter acessa a chama de ser fiel primeiramente ao único mundo completo a que temos acesso: Nós mesmas(os).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANOUILH, Jean. **Antígona**. Trad. Sidney Barbosa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

BUTLER, Judith. **O clamor de Antígona**. Trad. André Cechinel. Florianópolis: UFSC, 2014. 128p.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. 6. ed. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

SÓFOCLES. **Antígona**; Trad. Millôr Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. Versão Kindle.

STEINER, George. **Antígonas**. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água

# *Revista Iepesvida*

Editores, 2008.

ZAMBRANO, M. **La tumba de Antígona y otros textos sobre el personaje trágico.**  
Edición de Virginia Trueba Mira, Madrid: Cátedra, 2012.